

Coligação ficou a 3 deputados da maioria absoluta

A coligação liderada por José Manuel Boleiro ganhou as eleições ontem nos Açores, com 26 deputados, mas ficou a três da maioria absoluta. E depende do Chega ou da abstenção do PS.

A Aliança Democrática (AD) conseguiu 26 deputados, o PS ficou com 23 e o Chega garantiu cinco deputados, enquanto o BE, a IL e o PAN ganharam um deputado cada.

O PS, liderado por Vasco Cordeiro, teve quase mais mil votos do que em 2020, quando ganhou as eleições, mas perdeu a maioria absoluta.

Agora ficou em segundo lugar com 23 deputados eleitos (menos dois do que em 2020).

O Bloco de Esquerda perdeu um dos deputados, enquanto IL e PAN conseguiram manter um eleito cada.

Resultados finais:

AD - 42%/ 26 deputados

PS - 35,9% / 23 deputados

Chega - 9,1%/ 5 deputados

BE - 2,5%/ 1 deputado

IL - 2,1%/ 1 deputado

PAN - 1,6%/ 1 deputado

Vasco Cordeiro adia decisão sobre eventual demissão

Com 35% dos votos, menos 4 pontos do que há três anos (embora mais cerca de 700 votos), Vasco Cordeiro, líder do PS/Açores, falou aos açoreanos ao fim da noite, felicitando Boleiro pela vitória da AD, dizendo que os resultados “foram claros e evidentes”, derrotando o seu projeto.

“Abrindo-se uma nova fase, temos muito trabalho pela frente, mas temos uma equipa muito mobilizada para a defesa das açoreanas e açoreanos.”

Os jornalistas perguntam se vai demitir-se mas Vasco Cordeiro adiou a decisão para mais tarde: “Todas as decisões e reflexões serão feitas no tempo e lugar próprio. Este não é o tempo, nem lugar próprio”.

O líder da IL Açores, Nuno Barata, congratulou-se com a sua reeleição para deputado liberal na Assembleia Legislativa dos Açores.

E prometeu continuar a fazer uma oposição firme ao Governo regional.

“Um deputado liberal faz muita falta”, afirmou, repetindo um dos slogans do partido.

Chega quer ir para o governo

O Chega teve “uma grande vitória” nos Açores e André Ventura promete “começar já hoje a trabalhar com o PSD para ter um acordo de Governo para os próximos quatro anos”, garante André Ventura, lembrando que esse acordo foi uma exigência do Chega durante a campanha regional – e remetendo a responsabilidade dessas negociações (que poderão ser “demoradas”) para o líder do Chega Açores, José Pacheco.

Para Ventura, a “única solução possível” é o PSD “agregar o eleitorado de direita” e juntar-se ao Chega num Governo de “estabilidade”. A AD teve um crescimento “nulo”, “a esquerda não alcançou uma maioria parlamentar”, e isso deveu-se ao “crescimento exponencial do Chega”, afirmou Ventura, apontando que o partido elegeu pela primeira vez na Terceira.



“A maioria clara do Chega e da AD é a única forma de afastar o PS do poder”, afirmou.

Se o PSD escolher não negociar com o Chega, Ventura remeteu a decisão de uma potencial moção de censura para a liderança do Chega Açores.

Nuno Melo faz leitura nacional

“A AD nos Açores alcançou uma grande vitória e passou a primeira força política”, começou por dizer Nuno Melo, líder do CDS-PP e falando pela AD, num discurso virado para as eleições legislativas. “Este foi o primeiro de um longo ciclo de desafios eleitorais”, afirmou, sem fazer referência ao PPM.

Garantindo que o resultado nos Açores é “um estímulo muito grande” para 10 de março, Nuno Melo assinalou a “derrota muito significativa” dos partidos de esquerda e do PS.

“Só concentrando votos na AD é possível uma alternativa credível, estável e experimentada ao PS, que em oito anos deixou o país a marcar passo”, garantiu Melo.

PS dividido sobre se viabiliza governo de Boleiro

“O PS tudo fará para contribuir para a estabilidade”, disse o deputado nacional Pedro Delgado Alves na SIC-Notícias, falando a título pessoal do cenário de a AD não conseguir maioria absoluta.

Lembrando que durante a campanha Vasco Cordeiro sugeriu que o PS queria travar a extrema-direita na região (dizendo que “só excluía falar com o Chega e ADN”), Pedro Delgado Alves explicou que a decisão estaria na mão do PS/Açores, mas que os açorianos tinham dado um sinal contrário à instabilidade política.

Se assim fosse, significaria desde logo que os socialistas teriam de se abster na votação do programa de governo (que nos Açores é votado) ou não votar qualquer moção de rejeição, abrindo espaço a um governo minoritário nos Açores (que dispensaria o Chega pelo menos até ao primeiro momento chave, da discussão do Orçamento Regional).

Porém, na RTP 3, o socialista açoriano Francisco César disse, falando também a título pessoal, que o PS teria de fazer uma reflexão e que o PSD deve procurar viabilizar o governo com quem este começou, ou seja, com o Chega: “O PSD tem que decidir se quer governar com o Chega ou não. O PS também tem de decidir, acho que não faz sentido apoiar um projeto antagónico – mas esta opinião vincula-me a mim”.

Análise

Dependente do Chega ou do PS?

José Manuel Boleiro é o grande vencedor da noite eleitoral e o PS de Vasco Cordeiro é o grande derrotado.

Boleiro levou até ao fim a sua palavra na formação de uma coligação pré-eleitoral, quando internamente teve muitas vozes, incluindo no seu núcleo duro, que defendia a ida às urnas do PSD sem coligação.

Nunca saberemos se o PSD, sozinho, teria ou não outro resultado, mas o líder arriscou e ganhou as eleições, feito que não acontecia há mais de duas décadas de anos.

Os dois parceiros de coligação, Artur Lima e Paulo Estevão, também são vencedores, porque souberam assumir, nesta fase final da governação, a estratégia de Boleiro e dar-lhe o palco todo, centrando a campanha na sua figura, apesar de Estevão ter perdido, surpreendentemente, no Corvo.

O Chega é outro vencedor, porque cresce bastante, mas não tanto como pretendia.

E consegue aquilo que os seus órgãos nacionais, nomeadamente o seu líder, André Ventura, pretendia, que é a coligação ficar dependente do Chega para formar governo, e com isso transpor uma motivação extra para as eleições nacionais.

Resta saber como se vai posicionar o PS-Açores face ao novo governo.

Vasco Cordeiro é o grande derrotado, porque vem de uma vitória eleitoral em 2020, mas não consegue manter este resultado, apesar de ter crescido na votação.

Foi traído pela forte afluência às urnas.

Estará Vasco Cordeiro na disposição de viabilizar o futuro governo de Boleiro, abstenendo-se na aprovação do programa governamental?

Será ainda Cordeiro líder do PS-Açores quando for preciso aos socialistas tomar esta decisão? Ou haverá outro líder?

O PS vai reunir de emergência, certamente, nos próximos dias, para reflectir sobre o que correu mal e como se posicionará face ao novo governo.

Mas esta seria uma boa oportunidade para se iniciar aqui, nos Açores, até como exemplo nacional, o tão falado “acordo de regime” entre os dois maiores partidos do arco da governação.

PSD e PS deviam entender-se em futuros acordos de governação, nas áreas estratégicas que são cruciais para os Açores a longo prazo.

Esta é uma grande oportunidade para os dois partidos avançarem, humildemente, para um acordo desta natureza, com cedências de parte a parte e numa atitude que só os responsabilizaria e elevaria a política para os níveis de decência, que não existe neste momento no país.

Dos outros partidos não reza a história, como era de prever.

O Bloco de Esquerda foi castigado pela sua postura negativa, com um discurso muito negro da situação regional.

O IL manteve o seu deputado, mas para quem esperava um crescimento, não deixa de ser um resultado com sabor amargo, provavelmente pela sua postura no chumbo do Orçamento Regional.

O PAN também manteve o seu deputado, como era de prever.

Os Açores voltam a ter um governo frágil, sem estabilidade garantida.

Não serão dias fáceis.

OSVALDO CABRAL